

MINISTÉRIO KALEO – EBD

A sabedoria instrui na Palavra de Deus e em outros assuntos

(Pv 30.1-33)

Lição extraída dos comentários expositivos Hagnos – Hernandes Dias Lopes

LIÇÃO 30

“⁴⁵ Toda palavra de Deus é pura; ele é escudo para os que nele confiam. ⁶ Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso.” (Pv 30.5-6)

Estudo de versículo por versículo:

A grandeza de Deus e a insignificância humana - Disse o homem: *Fatiguei-me, ó Deus; fatiguei-me, ó Deus, e estou exausto; porque sou demasiadamente estúpido para ser homem [...]. Quem subiu ao céu e desceu? Quem encerrou os ventos nos seus punhos? Quem amarrou as águas na sua roupa? Quem estabeleceu todas as extremidades da terra? Qual é o seu nome, e qual é o nome de seu filho, se é que o sabes? (Pv 30.1-4).* Esse provérbio foi escrito por Agur, de Massá. O autor demonstra desde o início humildade, pois rejeita toda forma de arrogância ao fazer uma observação fascinada e cândida do mundo. Começa confessando sua exaustão e fadiga em virtude de sua estupidez e pequena compreensão da vida e da majestade do Criador. Agur dá um soco na arrogante autossuficiência humana e diz que a reverência extasiada é o começo de todo o conhecimento. Com eloquência singular, abre seu texto com perguntas retóricas, para exaltar a grandeza de Deus e as excelências de sua criação. Nenhum ser humano, por mais sábio e poderoso, poderia ser o agente e o protagonista desses feitos extraordinários. Nenhuma inteligência humana poderia conceber coisas tão estupendas. É impossível olhar o universo com sua beleza multifária e sua complexidade inescrutável sem se curvar diante do Criador. Só aqueles cujos olhos foram cegados pelo preconceito e embrutecidos pela perversão moral deixam de ver Deus por trás dos bilhões de galáxias do universo, dos oceanos e mares preñhes de peixes e monstros marinhos, do vento que sai de seus reservatórios e da brisa que sopra em nosso rosto. Ao mesmo tempo que nos sentimos esmagados pela fragilidade humana, ficamos também extasiados com a grandeza insondável de Deus!

A Palavra de Deus é perfeita - *Toda Palavra de Deus é pura; ela é escudo para os que nele confiam. Nada acrescentes às suas palavras, para que não te repreenda, e sejas achado mentiroso (Pv 30.5-6).* Três verdades acerca da Palavra de Deus são aqui destacadas. A primeira fala a respeito da natureza da Palavra de Deus. Ela é pura. Não há nela nenhuma contaminação ou impureza. Seu conteúdo é inspirado por Deus. Sua mensagem é inerrante, infalível e suficiente. Ela é pura e purifica. Ela é luz e ilumina. Ela é saudável e cura. Ela é viva e eficaz. Por meio dela, cremos, vivemos e vencemos. A segunda verdade trata do efeito da Palavra em nossa vida. A Palavra é escudo para aqueles que confiam em Deus. É arma de combate e escudo de proteção. Por meio dela, somos guardados do mal. Através dela, vencemos a tentação. Quem maneja bem a palavra da verdade triunfa sobre o erro, vence as perniciosas heresias e é guardado das investidas do diabo. O alvo da revelação é promover a confiança, e não o mero conhecimento. A terceira verdade destacada pelo texto é a completude da Palavra. Ela é não apenas pura, mas também completa. A Bíblia tem uma capa ulterior. Nada pode ser tirado dela nem acrescentado a ela. Ela é a nossa única e suficiente regra de fé e prática. E a Palavra de Deus, que revela a nós toda a sua vontade. Ter a pretensão de acrescentar novas doutrinas ou experiências à Palavra de Deus é incorrer em erro grave e ser passível de severa repreensão.

A tentação é perigosa — *Duas coisas te peço; não mas negues,*

antes que eu morra: afasta de mim a falsidade e a mentira; não me dês nem a pobreza nem a riqueza; dá-me o pão que me for necessário; para não suceder que, estando eu farto, te negue e diga: Quem é o Senhor? Ou que, empobrecido, venha a furtar e profane o nome de Deus (Pv 30.7-9). O texto em tela expressa dois desejos do escritor antes de morrer: o primeiro é ser livre da falsidade e da mentira, e o segundo é não profanar o nome de Deus, seja pela riqueza, seja pela pobreza. Os dois pedidos, que convergem num só alvo, dizem respeito ao caráter e às circunstâncias que são um perigo para nossa vida. O autor demonstra humildade ao pedir livramento da tentação. Sabe que não consegue lidar com essas ameaças com as próprias forças. A falsidade e a mentira minam o caráter, destroem a honra e enfraquecem o testemunho. O escritor pede, outrossim, o pão de cada dia, ou seja, o pão necessário, para que não se esqueça de Deus na riqueza nem profane o nome de Deus na pobreza. Os extremos são perigosos. A riqueza pode produzir soberba, e a pobreza extrema pode induzir ao roubo, o qual, quando concretizado, desemboca em profanação ao nome de Deus. Tanto a riqueza exorbitante como a pobreza profunda são armadilhas para a alma. Tanto esquecer-se de Deus como profanar o nome de Deus é cair em tentação. Toda tentação é assaz perigosa. Por isso, precisamos de ajuda. A oração é uma ferramenta poderosa para nos livrar dessas insidiosas armadilhas. Em Deus está o nosso refúgio e na confiança nele está o nosso escape.

Não exponha os humildes ao vexame — *Não calunies o servo diante de seu senhor, para que aquele te não amaldiçoe e fiques culpado (Pv 30.10).* Não há crueldade maior do que expor um empregado a uma situação de vexame e constrangimento diante de seu patrão. A calúnia arrogante cria opressão. A calúnia é sempre maldosa e devastadora, mas caluniar um subalterno diante de seu chefe é ainda mais desumano. E ferir não apenas sua honra, mas ameaçar seu próprio emprego e comprometer a sustentabilidade de sua família. Quando um indivíduo, no exercício do seu trabalho, é atacado de forma humilhante e injusta, sente-se tão ultrajado que sua reação é amaldiçoar aquele que o denegriu e caluniou. O resultado dessa sanha perversa de difamação é que o caluniador se torna culpado diante de Deus e das pessoas. A calúnia é um pecado horrendo aos olhos de Deus. E um pecado que Deus abomina. Jogar uma pessoa contra a outra, portanto, é uma ação maligna e perversa. Provoca desgosto entre as pessoas na terra e juízo de Deus desde o céu. Caluniar é transformar a língua, instrumento do bem, em ferramenta do mal. E usar a palavra para matar, e não para dar vida. É semear discórdia, em vez de estreitar os relacionamentos. O caluniador humilha as pessoas com suas palavras mentirosas e recebe em si mesmo a justa punição do seu erro. Semeia contendas e colhe maldição.

Facetas da arrogância — *Há daqueles que amaldiçoam a seu pai e que não bendizem a sua mãe. Há daqueles que são puros aos próprios olhos e que jamais foram lavados da sua imundícia. Há daqueles — quão altivos são os seus olhos e levantadas as suas pálpebras! Há daqueles cujos dentes são espadas, e cujos queixais são facas, para consumirem na terra os aflitos e os necessitados entre os homens (Pv 30.11-14).* O texto em apreço destaca quatro facetas da arrogância. A primeira delas tem

origem em uma infância ímpia. Aqui o orgulho é visto como algo que corrompe a atitude da pessoa para com seus pais, ou seja, seus superiores (Pv 30.11). Amaldiçoar, e não bendizer, pai e mãe é o máximo da arrogância e da ingratidão. E virar as costas para quem o gerou. E ferir a quem lhe deu vida. A segunda faceta da arrogância leva o orgulhoso a ter uma atitude desfocada e desproporcionada a seus próprios olhos (Pv 30.12). Não há engano pior do que o autoengano. E trágica a presunção de querer ser quem não se é. A falsa propaganda de si mesmo não é apenas arrogância, mas também consumada hipocrisia. A terceira faceta da arrogância leva o altivo a corromper sua relação com o mundo ao redor (Pv 30.13). Trata-se da pessoa que vive de salto alto, querendo ser maior e melhor do que os outros. A quarta faceta da arrogância leva o altivo a corromper sua relação com aqueles que ele supõe serem seus inferiores (Pv 30.14). Aquele que oprime o fraco, que tripudia sobre o necessitado e que esmaga os aflitos é arrogante e insolente. Seu coração é perverso, suas mãos são sanguinárias e sua vida é um pesadelo para o próximo.

A ganância insaciável — *A sanguessuga tem duas filhas, a saber: Dá, Dá. Há três coisas que nunca se fartam, sim, quatro que não dizem: Basta! Elas são a sepultura, a madre estéril, a terra, que se não farta de água, e o fogo, que nunca diz: Basta! (Pv 30.15-16).* A ganância insaciável pode ser ilustrada pela sanguessuga, cujas filhas gêmeas são feitas da mesma matéria que compõe a mãe — o sangue de outras pessoas. Ela chupa seu sangue e nunca se farta. Com outras figuras tão vividas e chocantes, o sábio descreve a pessoa de ambições irrefreáveis. Inicialmente cômica, a comparação avança para um aspecto trágico, pois a concupiscência é ameaçadora como a sepultura e o fogo e é patética como os estéréis e os ressequidos. Há aqui uma mistura de repulsa, medo e dó da cupidez humana. Há pessoas que nunca estão satisfeitas com o que têm. Querem sempre mais. Não se alegram com o que já possuem; entristecem-se pelo que não têm. Não ficam contentes apenas com o que já granjearam; querem também tomar, de forma vil, o que é do outro. O ganancioso mente, corrompe, rouba e mata para alcançar o fruto de sua cobiça. Sempre ávido por ter mais e sempre sôfrego na busca de acumular para si, está disposto a passar por cima de tudo e de todos para amamentar as filhas insaciáveis da sanguessuga: Dá, Dá. O ganancioso, mesmo amealhando muitos tesouros, não é feliz, pois nunca se alegra com o que tem e sempre está correndo loucamente atrás do que não tem.

O castigo do filho arrogante — *Os olhos de quem zomba do pai ou de quem despreza a obediência à sua mãe, corvos do ribeiro os arrancarão e pelos pintos da águia serão comidos (Pv 30.17).* A arrogância atinge seu nível mais repugnante quando usa a arma mortal da zombaria e do desprezo, e isso dentro da própria família. A relação entre pais e filhos deve ser marcada por amor e respeito, afeto e gratidão, e não por zombaria e desprezo. A arrogância chega, portanto, ao clímax quando os filhos perdem o amor natural e desonram seus pais, zombando deles, insultando-os, abandonando-os e fechando o coração a seus conselhos. Não é natural um filho zombar de seu pai nem desprezar a obediência à sua mãe. A zombaria é mais do que fazer pouco caso. E escarnecer, humilhar e expor ao ridículo, e isso de forma acintosa. Desprezar é mais do que tapar os ouvidos aos conselhos de alguém. É rejeitar com repulsa. Os filhos que zombam do pai e desprezam os conselhos da mãe cavam uma cova para seus próprios pés. Armam um laço para sua própria alma. Lavram sua própria sentença de morte. Avançam celeremente para a ruína irremediável. Se a obediência aos pais pavimenta o caminho da longevidade e da prosperidade, a rebeldia contra os pais encurta a vida e traz sobre os filhos rebeldes o estigma da tragédia. A família precisa ser um lugar de vida, e não o corredor da morte.

Quatro mistérios da vida — *Há três coisas que são maravilhosas demais para mim, sim, há quatro que não entendo: o caminho da águia no céu, o caminho da cobra na penha, o caminho do navio no meio do mar e o caminho do homem com uma donzela. Tal é o caminho da mulher adúltera: come, e limpa*

a boca, e diz: Não cometi maldade (Pv 30.18- 20). O sábio pôs-se a meditar e descobriu três coisas que encantaram seus olhos, agitaram sua mente e desafiaram sua inteligência. Porém, a quarta transcendeu sua capacidade de compreensão. Ele achou magnífico como a águia voa nas alturas excelsas com suas asas imensas, como a cobra rasteja sobre a pedra sem deixar marcas e como o navio singra as águas profundas do mar rumando para horizontes tão longínquos. O que ele não conseguia definitivamente entender era o caminho do homem com uma donzela. O casamento é, de fato, um grande mistério, pois não é a relação de dois iguais, mas de dois diferentes. Como dois universos tão distintos podem se unir e formar uma só carne? Como pessoas com visões tão distintas da vida, com gostos e preferências tão dissemelhantes podem se unir em casamento, jungir seus sonhos e caminhar harmoniosamente na vida? As quatro primeiras figuras usadas trazem a ideia de movimento que não deixa sinal para trás. A quinta figura, porém, descreve a adúltera, uma mulher desnaturada que se sente totalmente à vontade para cometer pecado. Para ela, um ato de adultério não é mais especial do que suas refeições regulares. Seus múltiplos relacionamentos são tão descartáveis quanto os guardanapos que ela usa para limpar a boca depois de cada refeição.

Quatro coisas intoleráveis - *Sob três coisas estremece a terra, sim, sob quatro não pode subsistir: sob o servo quando se toma rei; sob o insensato quando anda farto de pão; sob a mulher desdenhada quando se casa; sob a serva quando se torna herdeira da sua senhora (Pv 30.21-23).* A Bíblia registra com entusiasmo a virada de mesa daqueles que estavam no monturo e foram levantados para se assentarem no meio de príncipes. A Palavra de Deus se deleita em reviravoltas frutíferas do destino. E Deus quem exalta os humildes. É Deus quem levanta os abatidos. E Deus quem tira o pobre e o necessitado dos vales mais escuros da existência e os promove e enaltece. Porém, Deus está contra aqueles que, presunçosamente, abrem o caminho de seu sucesso usando expedientes heterodoxos. A soberba sempre desemboca em tragédia. A altivez de espírito sempre transtorna a terra. Aqueles que se exaltam sempre serão humilhados. Os exemplos citados no texto em apreço não representam essa reviravolta saudável das circunstâncias da vida, mas uma tomada de posição na qual o agente deixou o orgulho subir à cabeça e foi transtornado pela soberba. Um servo que se torna rei pode se transformar em um tirano se não for regido pela humildade. Um insensato e blasfemador arrogante pode transformar-se em um esnobe avarento se não reconhecer a bondade de Deus em sua fartura. Uma mulher desdenhada pode se transformar em um poço de vaidade se não compreender que o casamento feliz é um presente de Deus. Uma serva que herda os bens de sua patroa pode transformar-se em uma mulher inchada de orgulho se não receber esse presente como um beneplácito de Deus.

Quatro coisas pequenas - *Há quatro coisas mui pequenas na terra que, porém, são mais sábias que os sábios; as formigas, povo sem força; todavia, no verão preparam a sua comida; os arganazes, povo não poderoso; contudo, fazem a sua casa nas rochas; os gafanhotos não têm rei; contudo, marcham todos em bandos; o geco, que se apanha com as mãos; contudo, está nos palácios dos reis (Pv 30.24-28).* Derek Kidner, em seu comentário sobre o texto em tela, diz que vemos aqui os quatro contrapesos para a fraqueza: provisionamento, habitação, ordem e audácia. Todas essas pequenas criaturas agem com diligência para promover seu próprio bem. Mesmo sendo seres irracionais, trabalham com inteligência e harmonia para se protegerem dos iminentes perigos. A natureza é um reservatório inesgotável de lições para a vida. As formigas são um povo sem força, mas elas trabalham incansavelmente no verão para estocar alimento suficiente para o inverno. Com seu labor preventivo, reprovam nossa preguiça e nossa falta de planejamento. Os arganazes são mamíferos pequenos, do tamanho de um coelho, que se apressam para a fuga nas fendas das rochas onde se escondem, quando a sentinela lhes dá o sinal de alarme. Os gafanhotos, embora não

tenham um líder, marcham todos em bando e agem com rigorosa harmonia. O gecko é um tipo de lagartixa tão pequeno que se apanha com as mãos, mas que audaciosamente frequenta os palácios dos reis. O sábio é aquele que tem os olhos abertos para ver, os ouvidos aguçados para ouvir e o coração entendido para perceber as grandes lições ensinadas pelas pequenas criaturas.

Quatro coisas nobres - *Há três que têm passo elegante, sim, quatro que andam airoso: O leão, o mais forte entre os animais, que por ninguém torna atrás; o galo, que anda ereto, o bode e o rei, a quem não se pode resistir (Pv 30.29-31).* O sábio lança mão de quatro figuras sem atribuir a elas nenhum valor filosófico ou moral. Ele apenas constata e observa. Tudo fica no ambiente da percepção. Derek Kidner diz, com acerto, que o poder e a sabedoria do Criador ficam implícitos nessas quatro criaturas, enriquecendo o deleite do observador, caso ele tenha olhos para ver. O leão é o rei da selva, o mais forte entre os animais. E temido por todos e a ninguém teme. Seu rugido é estremeecedor. O galo é proverbialmente conhecido por seu porte elegante, seu andar ereto e sua postura altiva. Anda sempre de cabeça erguida e peito estufado. O bode, embora não seja um prodígio em termos de robustez, não recua diante das ameaças. É valente, determinado e irresistível em suas investidas. O rei, revestido de força e poder, riqueza e autoridade, é irresistível quando toma suas decisões. Sob seu comando, os soldados se preparam para a peleja. Sob suas ordens, as armas são levantadas para a guerra. Sob sua autoridade, os súditos obedecem. O leão é forte. O galo é altivo. O bode é marrento. O rei é poderoso. Todos são obras das mãos do Criador!

A humildade evita tragédias - *Se procedeste insensatamente em te exaltares ou se maquinaste o mal, põe a mão na boca. Porque o bater do leite produz manteiga, e o torcer do nariz produz sangue, e o açular a ira produz contendas (Pv 30.32-33).* O texto em tela tem um só propósito: alertar-nos para o fato de que a humildade pacificadora evita tragédias, mas a altivez provocadora gera contendas. O insensato arrogante se exalta acima dos demais e lá do alto de sua soberba máquina o mal contra o próximo; sua autoexaltação, porém, o derruba dos pináculos e o joga ao chão de forma humilhante, e o mal que ele planeja astuciosamente contra o próximo cai sobre sua própria cabeça. Os três exemplos citados pelo sábio — bater o leite, torcer o nariz e açular a ira — devem ser entendidos da seguinte forma: os dois primeiros ilustram o terceiro. Assim como bater o leite produz manteiga, assim como torcer o nariz produz sangue, açular a ira também produz contenda. E uma questão de causa e efeito, semeadura e colheita. Ninguém colhe harmonia incitando a ira. Ninguém colhe paz nos relacionamentos acicatando as pessoas com provocações maldosas. A sabedoria se veste de humildade e desfruta de paz, mas a insensatez traja-se com a arrogância e colhe contendas. Cutucar as brasas da ira é provocar um incêndio contencioso, mas apagar as contendas com brandura é pavimentar o caminho da paz. O insensato labora contra si mesmo quando se exalta e arquiteta o mal contra o próximo; mas o humilde, em vez de jogar mais combustível no fogo, apaga os incêndios da ira e desfruta de paz perene.